



USOS DE SI E (IN)FORMALIDADE NO TRABALHO DA EMPREGADA DOMÉSTICA DIARISTA

Claudia Regina Barroso Ribeiro¹

RIBEIRO, Claudia Regina Barroso. **USOS DE SI E (IN)FORMALIDADE NO TRABALHO DA EMPREGADA DOMÉSTICA DIARISTA**. 2014. 251 p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.²

PALAVRAS-CHAVE: Trabalhadora diarista; Trabalho informal; Ergologia.

Esta tese tem como objetivo investigar as “dramáticas do uso de si” e as normas do trabalho informal das empregadas domésticas diaristas, analisando como acontece a interação entre as normas definidas pelos empregadores e as novas normas, criadas pelas trabalhadoras diaristas, para dar sentido às suas atividades, estabelecendo os modos de gestão do cotidiano. Trata-se de uma pesquisa predominantemente qualitativa e buscou analisar uma situação determinada, a das trabalhadoras diaristas da Região Metropolitana de Belo Horizonte. A proposta foi abordar as trajetórias familiar e profissional de mulheres trabalhadoras diaristas, abrangendo especialmente suas vivências no mundo do trabalho. A orientação teórica que fundamentou as reflexões e análises aqui apresentadas tem como eixo central a abordagem ergológica do trabalho, mas identifica também o aporte de outros campos disciplinares. A metodologia utilizada nesta pesquisa teve como aporte teórico-metodológico a utilização de entrevistas em profundidade fundamentadas pela corrente metodológica de Marie-Chistine Josso, intitulada de pesquisa-formação. Nas narrativas das trabalhadoras diaristas destacaram-se a falta de reconhecimento, a invisibilidade, a servidão e a submissão no trabalho realizado, configurando-se como riscos psicossociais no seu cotidiano de trabalho. Os dados desta pesquisa apontaram que o trabalho realizado pelas diaristas se inscreve na divisão social e moral do trabalho, ocupando especialmente mulheres, negras, de baixa escolaridade e com baixos salários, atrelado à ausência de regulamentação legal. Um trabalho desvalorizado e não reconhecido socialmente. No trabalho doméstico remunerado na atualidade persiste uma herança histórica, social e cultural de práticas de desigualdade da realidade brasileira. As narrativas das entrevistadas sobre suas vidas, desde a idade infantil até os dias de hoje, são permeadas de

¹ Doutora em Educação pela FAE/UFMG, Mestrado em Engenharia da Produção pela UFSC e Graduação em Psicologia pela PUC Minas. Professora Adjunta da PUC Minas. claudiaregina@pucminas.br

² Orientadora: Daisy Moreira Cunha, Pós-Doutorado no Conservatoire National des Arts et Métiers - CNAM/Paris. Doutorado em Filosofia pela Université de Provence (França); Atualmente é professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais; membro da Linha de pesquisa Política, Trabalho e Formação Humana do PPGE-UFMG; Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação FaE/UFMG; e Editora da Revista Trabalho e Educação NETE/FaE/UFMG. daisycunhafmg@gmail.com



vivências de intenso sofrimento, em alguns momentos, sentimentos de desamparo, de busca pela sobrevivência, poucos momentos de alegria e muita luta, muito trabalho. Os depoimentos das entrevistadas fazem referências a situações de trabalho fisicamente desgastante e pesado, à humilhação, à servidão e a maus-tratos. O trabalho iniciado ainda na fase infantil foi justificado pelas condições financeiras, para alimentar e proteger minimamente a família.

Espera-se que este estudo possa contribuir no sentido de dar visibilidade a essa categoria profissional, sendo necessário vencer questões jurídicas, que devem ser as primeiras a ser superadas, mas não as únicas. É necessário desenvolver políticas públicas articuladas e construídas num espaço democrático, com a participação das trabalhadoras diaristas, na busca da conscientização dessas mulheres da importância trabalho dessas mulheres, mas, sobretudo, da sociedade, destacando-se a relevância do trabalho doméstico remunerado.